



SUZANI RIVA MOREIRA

**Utilização de crônicas literárias no ensino do espanhol sob uma perspectiva intercultural**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora prof.<sup>a</sup> Dra. Alejandra Maria Rojas Covalski

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 24/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Luiz Ramalho Aguiar (Hankuk University Of Foreign Studies-HUFS)

Prof.<sup>a</sup> Dra. Noeli Gemelli Reali (UFFS)

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ângela Luzia Garay Flain (UFFS) Suplente

# **Utilização de crônicas literárias no ensino do espanhol sob uma perspectiva intercultural<sup>1</sup>.**

**Suzani Riva Moreira<sup>2</sup>**

suzanirivamoreira@gmail.com

**RESUMO:** Este trabalho surge ao constatar a presença de alunos imigrantes venezuelanos em algumas escolas públicas de Chapecó, SC e Nonoai, RS, cidade onde resido e trabalho. Assim, com o intuito de promover, aproveitando a presença dos alunos hispanófonos, uma abordagem intercultural e multiculturalista do ensino de língua espanhola nestas escolas. Foi no contato com as instituições dos dois municípios que percebi problemas de inclusão desses alunos imigrantes no sistema público de ensino, por questões de ordem linguística e cultural e porque as escolas não contam com profissionais aptos para exercer a função de tradutores e mediadores. Desse contexto surge a intenção de pesquisar uma maneira de promover a inclusão destes estudantes, através de uma abordagem intercultural utilizando crônicas em língua espanhola, com temas que tenham relação com a vida e os problemas dos adolescentes, na intenção de aproximar as duas culturas para refletir e valorizar a diversidade, estimular o respeito às diferenças. O objetivo é promover uma abordagem que permita refletir sobre o Outro, a cultura alheia e a diversidade, linguística e cultural, em um ambiente em que o aluno imigrante não seja visto como alguém invisível na sala de aula, mas como alguém que pode contribuir com a sua cultura. Essa abordagem intercultural, irá minimizar preconceitos e desconstruir estereótipos relacionados à cultura do imigrante. O trabalho será desenvolvido através da leitura de crônicas do livro *Ciudadano N: crônicas da diversidade* que problematiza questões sociais, raciais e de gênero escrito pela antropóloga mexicana Rossana Reguillo e com as crônicas do escritor chileno Pedro Lemebel. O referencial teórico está focado nos trabalhos das pesquisadoras Vera Maria Candau, Catherine Walsh, Marcia Paraquett, entre outros, cujo foco é educação, interculturalidade, direitos humanos e inclusão social. Sendo assim, pretendemos pesquisar uma maneira de utilizar as crônicas no ensino do espanhol sob esta perspectiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** escola; língua espanhola; imigrantes venezuelanos; interculturalidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador(a) Prof(a). Dr(a). Alejandra Maria Rojas Covaski.

<sup>2</sup> Acadêmico(a) da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

## Introdução

Este trabalho surge ao constatar a necessidade de propor uma abordagem intercultural e multiculturalista do ensino de língua espanhola nas escolas públicas de Chapecó, SC e Nonoai, RS, no momento em que esse espaço escolar recebe um grande número de alunos hispano falantes, principalmente oriundos da Venezuela. Ao averiguar que as escolas dos dois municípios enfrentam um sério problema de inclusão de alunos imigrantes no sistema público de ensino, surge a intenção de pesquisar uma forma de promover a inclusão desses alunos, através de uma abordagem intercultural do ensino de línguas, no caso específico desta pesquisa, do ensino de língua espanhola, utilizando o gênero crônica, visando a aproximação de estudantes de diversas culturas, respeitando, assim, as diferenças e promovendo o respeito mútuo e igualdade entre todos. O objetivo é promover uma abordagem do ensino da língua que permita refletir sobre o Outro, sobre a cultura alheia e sobre a diversidade cultural, de maneira que o aluno imigrante não seja invisibilizado dentro da sala de aula.

Esta abordagem intercultural, permitirá minimizar preconceitos, desconstruir estigmas e estereótipos em relação à cultura do imigrante, grupos étnicos, raciais e sociais. Sendo assim, a proposta deste trabalho é trazer essa reflexão para dentro da sala de aula através da leitura e do trabalho com as crônicas do livro “*Ciudadano N: crônicas da diversidade*”, que problematizam questões sociais, raciais e de gênero, e que podem ser aproveitadas dentro de uma perspectiva intercultural. Este gênero se caracteriza por ser um relato breve que, por sua natureza híbrida, transita entre o gênero jornalístico e o gênero literário, o que facilita o acesso à leitura de um público mais jovem, pois traz o relato da rua, do diverso, do discriminatório.

As crônicas com as quais trabalhamos são extraídas do livro *Ciudadano N: Crônicas de la diversidad*, escritas pela antropóloga social, de nacionalidade mexicana, Rossana Reguillo, que trazem o relato das ruas e das margens. Como diz Reguillo (2003, p. 60), [...] la crónica está ahí, en el cuarto, en la calle abandonada, en la voz que narra el desconsuelo, es incómoda, como incómodo testigo de aquello que no debiera verse, por doloroso o por ridículo, que a veces es lo mismo”. Dessa forma, pretendemos pesquisar de que maneira é possível utilizar o gênero crônica para um ensino da língua espanhola sob uma perspectiva intercultural e de que forma é possível instalar esse debate crítico na sala de aula.

O referencial teórico está baseado nos estudos de diversos pesquisadores que trabalham sob a ótica da perspectiva intercultural, como Vera Maria Candau, cujas principais áreas de atuação são educação inter e multicultural, cotidiano escolar, didática e educação em direitos

humanos. Também nos apoiamos nas pesquisas da antropóloga Catherine Walsh, que questiona a realidade juvenil desde o próprio território dos jovens, principalmente jovens da periferia. Marcia Paraquett, outra importante autora presente neste artigo, trabalha com a abordagem multicultural no ensino de línguas dentro da sala de aula. Já Pedro Lemebel, é o responsável por escrever crônicas com temáticas da periferia e das margens. Ao final deste artigo, apresentaremos uma proposta didática intercultural onde irá predominar a valorização das diferenças, sendo elas de cunho cultural ou linguístico com atividades que consigam promover uma reflexão sobre a nossa diversidade cultural.

A proposta deste projeto, como foi mencionado anteriormente, é apresentar uma abordagem intercultural do ensino de língua espanhola, utilizando o gênero crônica, no contexto das escolas públicas do município de Chapecó, entendendo esta abordagem como uma ferramenta de inclusão social. Para isto trabalharemos com diversos autores dedicados a pesquisar este assunto. Entre eles a pesquisadora Vera Maria Candau, que pesquisa sobre as relações entre educação e cultura, educação multi e intercultural dentro do cotidiano escolar, assim como educação em direitos humanos e formação de educadores. Professora formada em Pedagogia pela PUC-Rio, também possui doutorado e pós-doutorado em Educação pela Universidad Complutense de Madrid.

Rossana Reguillo, professora pesquisadora, doutora em Ciências Sociais, nascida na cidade de Guadalajara, no México. Atualmente, coordena o programa de pesquisa em Estudos Socioculturais no Instituto de Estudios Superiores de Occidente – ITESO também em Guadalajara. Sua principal área de estudo e atuação está na cultura jovem e urbana, violência e ação política da cultura jovem na América latina e na relação comunicativa com os direitos humanos. Nesse sentido, sua pesquisa nos ajudará a situar e contextualizar este trabalho, dando insumos para justificar nossa proposta, que toca a temática da inclusão nas escolas. De acordo com Reguillo (2007):

En América Latina, los testimonios cotidianos que evidencian su irrenunciable búsqueda de una sociedad más inclusiva y democrática se estrellan contra el creciente deterioro económico, la incertidumbre y la fuga del futuro. El debilitamiento de los mecanismos de integración tradicional (la escuela y el trabajo, centralmente) aunado a la crisis estructural y al descrédito de las instituciones políticas, genera una problemática compleja en la que parecen ganar terreno la conformidad y la desesperanza, ante un destino social que se percibe como inevitable (REGUILLO, 2007, p.13)

Por outro lado, o escritor chileno Pedro Lemebel, também contribuirá com a perspectiva deste trabalho, cujos contos, romances e crônicas literárias abordam a temática das margens, da periferia, no sentido de dar voz a grupos sempre excluídos da sociedade. Sua escrita se

encontra, como ele diz, “[...] nas beiras escriturais, nas fronteiras dos gêneros [...] meus escritos cambaleiam e se equilibram entre o jornalismo, a literatura, a canção e a biografia. São materiais bastardos [...]” (LEMEBEL, 2018, p. 30). Por essa escrita fronteiriça, ele também será um apoio para elaborar uma proposta didática que traga uma reflexão crítica sobre inclusão social, racial e de gênero para dentro da sala de aula, desde a perspectiva multi e intercultural.

Da mesma forma, mas sob uma perspectiva teórica, a pesquisadora Marcia Paraquett, nos fornecerá insumos para este trabalho. Paraquett é docente da Universidade Federal da Bahia, responsável por desenvolver pesquisas relacionadas ao aprendizado da língua espanhola como língua estrangeira, formação de professores e abordagem multicultural no aprendizado de línguas, explica que, com relação ao ensino da língua espanhola como LE, limitar-se ao estudo das variantes mais reconhecidas, como a argentina ou mexicana é uma forma de fortalecer e preservar estigmas relacionados a línguas e culturas consideradas “menores” ou não hegemônicas. Sobre essa questão, manifesta que, “[...] ya no puedo limitarme a las variaciones latinoamericanas de los grandes centros culturales, como son, por ejemplo, Argentina, Chile o México. Ya no puedo limitarme a trabajar con discursos y lenguajes hegemónicos dentro de América Latina, como es, por ejemplo, el discurso literario [...]” (PARAQUETT, 2009, p.5). Em suma, ela terá grande importância no enriquecimento das propostas didáticas.

Catherine Walsh, com seu artigo “*Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas*”, foi uma importante colaboração para esta pesquisa. Walsh é professora e coordenadora do doutorado em estudos culturais da América Latina na Universidade Andina Simón Bolívar, no Equador, trabalha com estudos no campo da decolonialidade e da interculturalidade crítica. Também aborda questões relacionadas à raça, gênero e pedagogias sociopolíticas.

Entre outros pesquisadores, Edith Hernández Méndez, professora de língua espanhola como língua estrangeira. Atuante na Universidade de Quintana Roo, publicou inúmeros textos falando sobre o ensino de línguas e a interculturalidade, tema fundamental deste projeto. Sandra Valdez Hernández também é professora da Universidade de Quintana Roo e seu campo de trabalho foca nas metodologias atuais no ensino de língua estrangeira. Ambas as autoras escreveram juntas um artigo falando sobre o papel do professor diante da competência intercultural e serão fundamentais para fomentar a elaboração de propostas didáticas ao final deste projeto.

## **1 Interculturalidade e hibridização cultural.**

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997, p.37), a aprendizagem de uma língua estrangeira, não apenas promove habilidades linguísticas, mas também possibilita ao aluno conhecer e valorizar outras culturas, costumes, o que contribui para que o aluno desenvolva a percepção da própria cultura como parte de outras culturas, ao mesmo tempo semelhantes e diversas. Dessa forma, essa percepção inter/multicultural favorece e estimula o respeito à diversidade. Segundo Candau (2013), uma das características que definem a perspectiva intercultural é o estímulo da inter-relação entre os diversos grupos culturais presentes em uma sociedade e esta inter-relação pressupõe um movimento contínuo que implica em uma constante reelaboração, reestruturação das culturas em interação. Outra característica mencionada por ela é a hibridização cultural, produto dessa interação entre culturas, o que nos permite deduzir que as identidades se constroem de forma aberta e sob influência de outras culturas. Portanto, como essas relações não acontecem de forma pacífica e sem confronto, ao contrário, se estabelecem desde a polarização, atravessadas por disputas de poder, onde se estabelecem relações hierarquizadas. Dentro dessa discussão, o que nos chama a atenção é que a perspectiva intercultural não oculta, nem minimiza aspectos que dizem respeito à diferença e à desigualdade. Ao contrário, há uma valorização da diversidade e é este o ponto que nos interessa para o desenvolvimento deste trabalho. Para a professora e pesquisadora Catherine Walsh, entre outras definições, a interculturalidade é “Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença” (Walsh, 2001, apud CANDAU, 2013, p. 23).

A vivência no estágio e no trabalho, na Escola Municipal Jair de Moura Calixto, na cidade de Nonoai, no período de abril de 2022 até o presente momento, como mediadora cultural, me fez compreender que a convivência entre várias culturas e línguas, pelo menos duas línguas, dentro da sala de aula acontece desde uma perspectiva hierárquica, onde o Outro, o estrangeiro é invisibilizado. Esta reflexão me fez compreender que é necessário estabelecer relações, dentro do espaço escolar, de negociação e mediação, onde, segundo palavras de Candau, seja possível construir um projeto comum “pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas” (2013, p. 23)

Assim, o conceito de interculturalidade traz uma visão integradora e inclusiva que possibilita a construção de um intercâmbio de saberes e conhecimentos diferentes numa busca

para promover um sentido entre eles dentro de suas próprias diferenças. (MOREIRA, Flávio. CANDAU, Vera, 2013, p. 23) defendem a ideia de que a perspectiva intercultural promove uma educação para o reconhecimento do Outro, ou seja, uma educação que está sendo pensada diretamente para a negociação cultural, que enfrenta conflitos provocados por uma assimetria de poder em distintos grupos socioculturais, criando um projeto comum onde todas as diferenças são incluídas.

A importância de falar sobre a perspectiva intercultural no ensino de língua espanhola nas escolas públicas de Chapecó e Nonoai acontece pelo fato de que com a crescente inserção de alunos imigrantes hispanofalantes, novas demandas surgem e os professores, em muitas situações, se sentem despreparados diante desse desafio, pois trata-se de alunos provenientes de outra cultura e cuja língua materna não é a língua portuguesa. Assim, esses alunos que falam somente a língua espanhola, sem ter conhecimento algum sobre a língua portuguesa tendem a ficar invisibilizados dentro do ambiente escolar, porém, é importante ressaltar que os professores precisam incluir em suas práticas pedagógicas uma abordagem intercultural que possibilite a inclusão desses alunos na cultura de chegada, assim como promover, dentro da sala de aula da cultura receptora, uma visão menos etnocêntrica e mais empática com quem chega. Na comunidade escolar nenhuma cultura deve ser inferiorizada ou discriminada, digo isto pensando, inclusive, em grupos de alunos imigrantes dentro do próprio território nacional brasileiro, como por exemplo, grupos de imigrantes nordestinos, que existem em número muito menor, mas também são vítimas de preconceito e exclusão.

O professor precisa, dentro da sala de aula, exercer a função de mediador intercultural, estabelecendo bases sólidas de respeito à diferença e à diversidade, possibilitando, assim, uma base empática de aproximação entre os membros do grupo transitando entre as diferentes culturas para promover um diálogo e relação empáticas.

Em contextos e situações de bilinguismo, por exemplo, o profissional deve sempre levar em consideração as diferenças presentes dentro da turma, respeitando as culturas e etnias que estão apresentadas ali. Candau (2010) explica que o bilinguismo deixou de ser visto como uma estratégia de transição, mas sim como uma maneira de discurso amplo, permitindo que a interculturalidade faça pressão no modelo escolar para que inclua línguas e culturas diferentes. Por esse motivo, trabalhar com crônicas em língua espanhola que abordem e problematizem preconceitos e estigmas é necessário. No caso do ensino da língua espanhola nas escolas, seja no formato curricular ou de oficina, a intenção é pôr em prática um ensino da língua dentro da

perspectiva intercultural, e uma forma de fazê-lo é aproveitar o contexto pluricultural em sala de aula.

## **2 Desconstrução do etnocentrismo através da abordagem intercultural na aula de língua espanhola.**

O conceito de etnocentrismo está ligado a visão preconceituosa que algumas pessoas possuem sobre culturas, povos e etnias diferentes das suas. Ou seja, a visão etnocêntrica considera inferior uma cultura que não seja a sua própria cultura, favorecendo e estimulando atitudes preconceituosas e desrespeitosas com relação a outras culturas. Dessa forma, a visão etnocêntrica repercute em atitudes preconceituosas em diversos âmbitos, como o racismo, intolerância religiosa, xenofobia.

A partir de uma abordagem intercultural, os indivíduos de uma sociedade podem mudar de atitude, e ver os outros seres humanos, a cultura alheia de uma maneira diferente, desde uma perspectiva não hegemônica, mais empática e tolerante com a diversidade. Dentro de uma sala de aula, o preconceito fica evidente devido a discriminação que sofrem alunos que recém chegaram na nova escola, sem conhecer a cultura e a língua da comunidade que os recebe. E para minimizar o impacto dessa situação o professor deve adotar uma abordagem intercultural no ensino, com um olhar social no qual prevaleça o objetivo de inclusão.

Desconstruir o etnocentrismo dentro da sala de aula é um processo desafiante para o profissional docente, tendo em vista toda preparação necessária para atuar e mediar situações onde há uma assimetria sociocultural. Desenvolver a competência intercultural é um desafio para que o professor possa implantar na sala de aula uma abordagem intercultural. O processo de aprendizagem só consegue melhorar na medida em que se estabeleçam medidas de acolhimento e empatia. Nesse sentido, Byram (1997), citado por Hernández e Valdéz (2010, p. 94) diz que o objetivo da competência intercultural é “[...] formar hablantes interculturales, es decir, individuos enfrentados a choques culturales en los que tienen que comprender las relaciones entre culturas y mediar entre formas distintas de vivir e interpretar el mundo”.

Perante a lei somos todos iguais, sem a presença de qualquer diferença. Mas, será que é realmente assim que acontece na prática? A escola e a Igreja nos ensinam que, apesar da diferença de raças, cor, sexo, somos todos iguais, sem distinção, contudo, sabemos que não



funciona assim. Pessoas são discriminadas, vítimas de preconceito étnico-racial, social de gêneros, etc. A todo momento observamos casos de violência contra negros, imigrantes, homossexuais, pessoas de religiões distintas.

O artigo 5º da Constituição Federal diz que: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Da mesma forma, a lei de migração, de 24 de maio de 2017, no capítulo 1, seção II, artigo 3º, estabelece que:

A política migratória brasileira rege-se pelos seguintes princípios e diretrizes: I - universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos; II - repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação; III - não criminalização da migração; IV - não discriminação em razão dos critérios ou dos procedimentos pelos quais a pessoa foi admitida em território nacional. (LEIS DE MIGRAÇÃO, 2017).

Os imigrantes venezuelanos, por exemplo, que migram para o Brasil à procura de novas oportunidades de emprego, moradia e educação para seus filhos, sofrem discriminação. De acordo com minha experiência dentro da sala de aula, pude observar que acontece uma distinção entre alunos brasileiros e alunos venezuelanos. E apresento aqui uma questão que vejo como algo pertinente nesse artigo: porque apenas os estudantes venezuelanos devem buscar aprender a língua portuguesa e sua cultura? Não seria importante, como parte de uma implementação de políticas públicas de acolhimento, já que o Brasil possui fronteira com sete países hispânicos, que professores e funcionários de escolas públicas procurem conhecer a língua espanhola também? Não digo que a aprendizagem da língua portuguesa do Brasil não seja necessária, mas tento inverter a pergunta como forma de aprofundar a reflexão pensando nas palavras de Catherine Walsh, que é enfática ao afirmar que o conceito de interculturalidade crítica tenta pôr em evidência as desigualdades, propor outra ordem social para a “construção de mundos Outros” (WALSH, 2012, p. 5). E por que não pensar o processo migratório, que está acontecendo em algumas cidades do oeste de Santa Catarina, como um processo de mão dupla?

Entro nessa questão, pois em meu trabalho, na Escola Municipal Jair de Moura Calixto, vejo muitos professores comentando que não conseguem se comunicar com seus alunos, porém, não pensam em uma abordagem que una as duas culturas, não consideram que a língua espanhola, dentro da sala de aula, seja um elemento transformador, aglutinador, que ajude a desconstruir a visão etnocêntrica da cultura, tão arraigada na sociedade. Citado por Candau, os PNUDs (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) afirmam que:

Em todo o mundo as pessoas são mais afirmativas para exigir respeito pela sua identidade cultural. Muitas vezes, o que exigem é justiça social e mais voz política. Mas não é tudo. Também exigem reconhecimento e respeito... E importam-se em saber se eles e os filhos viverão em uma sociedade diversificada ou numa sociedade em que espera que todas as pessoas se conformem com uma única cultura dominante. (PNUD, 2004 apud CANDAU, 2008, p.46).

Aprender uma nova língua, conhecer e acolher uma nova cultura não implica uma perda, ao contrário, significa ampliar a visão de mundo, portanto somar e acrescentar.

## **2.1 Interculturalidade: como trabalhar esse conceito através das crônicas da diversidade como objetivo de inclusão.**

O conceito de interculturalidade apresenta a ideia de que duas ou mais culturas interagem entre si de tal maneira que nenhuma se sobrepõe à outra. Essa visão busca respeitar a diversidade de culturas presentes em um país ou em determinada sociedade, no sentido local ou global, no nosso caso, o Brasil. Na escola, a interculturalidade atua como uma proposta pedagógica que desenvolve propostas de interação entre culturas promovendo o respeito, a aceitação, tolerância e empatia, preservando a identidade cultural de cada indivíduo. Contudo, entra a seguinte questão: Como o professor deve conduzir essa abordagem dentro da sala de aula? Segundo Moreno e Atienza:

El desarrollo de este proceso de manera que permita una comunicación satisfactoria en la lengua meta dependerá en gran medida de cómo el profesor de lengua aplique el enfoque intercultural en el trabajo cotidiano del aula. Por lo tanto, son de gran utilidad las tendencias desarrolladas en interculturalidad susceptibles de ser aplicadas en la didáctica intercultural de lenguas (MORENO e ATIENZA, 2016, p. 3)

Nesse sentido, o professor deve então focar seu trabalho no cotidiano da aula, colocando em andamento a perspectiva intercultural, mostrando o que é essencial para um aprendizado satisfatório e necessário. Portanto, o docente cria um compromisso de apresentar ao aluno uma nova cultura, sem fazê-lo perder a sua própria. Ele deve partir de uma posição crítica onde explica aos seus alunos que conhecer uma nova cultura não vai fazê-los abandonar a sua própria, mas, sim vai enriquecer e transformar a visão de mundo dos alunos. Assim sendo, Hernández e Valdez manifestam que:

En las aulas de español como lengua extranjera o como segunda lengua observamos y participamos en encuentros de diversas culturas; los alumnos llegan a las clases con conocimientos, conductas y actitudes cimentados en su propia cultura y ésta representa su punto de referencia en el aprendizaje del español en la sociedad que los recibe. (HERNÁNDEZ e VALDÉZ. 2010, p. 94)

Dentro dessa perspectiva é possível pensar no gênero crônica como uma leitura acessível para um público jovem, em contato permanente com a diversidade cultural. A crônica é o gênero mais antigo presente no Brasil, porém pouco valorizado, abordado de forma limitada dentro das possibilidades que o gênero nos proporciona. A linguagem metafórica da crônica, escritas por Reguillo e Lemebel, assim como a música que identifica os jovens, está ligada a expressões populares e vivências cotidianas com as quais se identificam.

A crônica é responsável por conquistar leitores e trazê-los para o seu mundo, ou vice-versa tendo em vista que as histórias narradas em poucas linhas podem abordar questões reais com um toque de ficção. Histórias dialogadas com o leitor que as consome, com uma linguagem simples. Assim, esse gênero nos permite realizar um trabalho sob a perspectiva intercultural, onde haja um ponto de encontro comum que permita refletir sobre a riqueza da diversidade cultural, expor as desigualdades de forma reflexiva, promover a empatia e desconstruir preconceitos. É importante apresentar aos estudantes textos que mostrem a realidade dos grupos sociais e étnico-raciais historicamente excluídos. A crônica traz, através do seu relato, questões que a sociedade esconde ou minimiza evitando que se estabeleçam relações positivas entre grupos culturais diferentes.

A escolha de trabalhar com crônicas, especificamente, as crônicas do livro de Rossana Reguillo, *Ciudadano N: crónicas de la diversidad*, deve-se ao fato de encontrar nesse gênero uma forma de relato acessível ao estudante, por ser uma forma de relato que inclui a vivência da rua, dos espaços sociais que as sociedades querem esconder, mas que os jovens querem denunciar. Trata-se de um relato híbrido que foge dos relatos literários hegemônicos. No caso do livro de crônicas da autora Rossana Reguillo (2003) são relatos que fazem parte do cotidiano das culturas juvenis, pois reflete o cotidiano, narra fatos muitas vezes esquecidos e pouco falados dentro das salas de aula, mas que fazem parte do mundo do adolescente.

Segundo as palavras de Reguillo:

Y en tanto la crónica está ahí, en el cuarto, en la calle abandonada, en la voz que narra el desconsuelo, es incómoda, como incómodo testigo de aquello que no debiera verse, por doloroso o por ridículo, que a veces es lo mismo. Pero la crónica ve, observa, se sorprende a sí misma en el acto de ver, de comprender [...] La crónica aspira a entender el movimiento, el flujo permanente como característica epocal: personas, bienes y discursos, que no sólo reconfiguran el horizonte espacial de nuestras sociedades, sino señalan, ante todo, la migración constante del sentido. (REGUILLO, 2000, p 60).

Dessa forma, Pedro Lemebel e Rossana Reguillo poderão contribuir para a proposta didática de utilizar as crônicas na sala de aula, sob uma perspectiva intercultural, pois trata-se de textos breves que transitam de forma híbrida pelo gênero literário e o gênero jornalístico,

trazendo a vivência do aluno, o que facilita a compreensão e reflexão. É, portanto, uma ferramenta que os ajuda a refletir sobre o ser humano, sobre a vida cotidiana, sobre a diferença e a diversidade, de uma maneira despretensiosa apresentando situações reais com um tom de prosa poética, principalmente no caso de Lemebel, que gostava de ver seus escritos, crônicas, contos, romances, difundidos em revistas, jornais e rádios para poder chegar a todo tipo de público, principalmente àqueles que não tem condições de comprar os livros, com a intenção de “cruzar fronteras, cruzar las fronteras culturales, llegar hasta donde los libros son una sofisticación aromática” (LEMEBEL, 2018, p.39).

Partindo desta visão, a crônica pode estar em qualquer lugar que olharmos, basta que possamos compreender seu sentido e sua finalidade. As crônicas urbanas, por exemplo, - tema central deste trabalho - apresentam situações da vida urbana, situações pelas quais passamos no nosso dia a dia, obviamente, com um tom de ficção, mas mantendo a similaridade com o que vivenciamos diariamente. Nas palavras de Reguillo (2007), a crônica quebra a harmonia e está ali para rasgar o véu da realidade distante que está cada vez mais presente em nossas vidas. Nesse sentido, o trabalho com crônicas no ensino de língua espanhola permite uma abordagem cultural extremamente rica, que dialoga com os jovens sobre seus medos, indagações, dúvidas, anseios, sentimentos, etc.

### **3 Proposta de atividade didática**

Pensando em uma abordagem didática intercultural crítica, que inclua e valorize as diferenças culturais e linguísticas, é possível formular atividades que promovam a reflexão crítica sobre essas questões. Assim, por diferentes motivos, a escola, na maioria dos casos, não consegue pôr em prática uma perspectiva intercultural e tende, portanto, a estigmatizar os alunos imigrantes, padronizando o ensino e, assim, desperdiçando a oportunidade de enriquecer as aulas, com a convivência mútua da diversidade, possibilitando a inclusão social e a valorização das diferenças, o que favorece a desconstrução de preconceitos. De acordo com os PCNs (1998) “o aprendizado de uma língua estrangeira é uma possibilidade de aumentar a percepção do aluno como ser humano e como cidadão”.

Dessa forma, ao pensar na elaboração de uma proposta didática intercultural, sob uma perspectiva crítica, volto a pensar nas reflexões que envolvem as pesquisas sobre o assunto. Uma das inquietações que surgem ao pensar na proposta didática é constatar o caráter

monocultural e monolíngue das nossas escolas, principalmente as públicas, o que funciona como um obstáculo para pensar práticas educativas diferentes. No mesmo sentido, ao revisar os PCNs, outra preocupação aparece ao pensar no aluno imigrante, que traz outras experiências socioculturais, mas que, pela minha observação na própria escola onde trabalho, são silenciadas, assim como também são silenciadas as vivências e experiências de alunos vindos de segmentos sociais e culturais invisibilizados pela escola e pela sociedade. No caso dos alunos imigrantes, o monolinguismo e a desvalorização da cultura desses imigrantes, pode trazer consequências sérias para esses alunos, como baixa autoestima, evasão escolar, atitudes agressivas ou de negação em relação à escola. Os PCNs (1997) abordam que para viver de maneira democrática dentro de uma sociedade plural, deve-se respeitar e valorizar a diversidade tanto étnica quanto cultural, tendo em vista que a nossa sociedade brasileira é constituída por diversas etnias e culturas que foram trazidas por imigrantes de inúmeros países. Nossa cultura vem de outras culturas, de outras religiões e línguas.

Por esse motivo a escolha de Rossana Reguillo, autora do livro "*Ciudadano N: Crónicas de la diversidad*", que escreve narrativas ficcionais, baseadas na observação da realidade, principalmente de grupos sociais considerados periféricos que estão à margem do poder dos grupos hegemônicos. São crônicas que abordam situações de conflito, de sobrevivência nas ruas. Em seu livro, ambientado em Guadalajara, ela nos apresenta uma cidade com as feridas abertas e com todo o mofo que a sociedade quer esconder.

No solamente se es joven o mujer, o indígena o blanca, o católico o mexicana. Ciudadano N es una cartografía de las pertenencias, diversas, contradictorias, dramáticas y lúdicas. ¿Quién soy? ¿quién es el otro? en un juego de espejos, de identificaciones y diferencias. (REGUILLO, 2003, p. 13)

A principal contribuição das crônicas da diversidade é o fato de que estes textos abordam questões sociais, com crianças que vivem nas ruas, jovens vítimas de preconceito social, etnico-racial ou de gênero, oriundos de espaços sociais e culturais periféricos, que utilizam, uma linguagem simples que nos permite entrar nesse mundo alternativo e conhecer suas histórias, suas vidas, angústias e medos. Esses relatos, as crônicas, com os quais trabalharemos abrem um caminho para fazer um trabalho dentro do espaço escolar onde acontecem conflitos e tensões de maneira permanente. Candau (2020) vê a escola como um espaço de cruzamento de culturas, isso quer dizer que é ali onde culturas, etnias e raças se encontram e interagem umas com as outras, em uma perspectiva de inclusão, porém com conflitos e tensões. A escola não pode ignorar o fato de que relações interculturais estão cada vez mais presentes na vida de todo aluno, principalmente no âmbito escolar. Nesse contexto, é

necessário promover um ensino sob uma perspectiva intercultural dentro da escola, de modo que o tecido de relações interpessoais se construa de forma sólida, baseado no respeito mútuo. Para Appiah, o diálogo intercultural é “[...] aquele em que nos tratamos como cidadãos de um mundo compartilhado e, portanto, digno de respeito mútuo. Isso não significa que não podemos discordar”. (Appiah, 2012, apud CANDAU, 2020, p. 10).

### 3.1 Metodologia e descrição da proposta didática

De acordo com nossas reflexões sobre a interculturalidade, sob a perspectiva crítica, o ensino de língua espanhola nas escolas públicas numa perspectiva de inclusão, elaboramos uma proposta didática baseada em três gêneros: a crônica, o texto jornalístico e uma música. Trata-se da crônica “*Con el viento en las venas*” (Anexo 1), da música *Clandestino* de Manu Chao (Anexo 2) e na notícia divulgada no dia 22 de junho de 2022, no portal Terra<sup>3</sup> que relata a morte de pelo menos 46 imigrantes abandonados em um caminhão no Texas. A notícia tem como objetivo trazer uma reflexão sobre o tema da imigração.

Tentando aproximar a proposta da experiência e vivência dos alunos, pensamos no gênero crônica e na música porque se conecta com os interesses dos alunos, facilitando o trabalho, pois é um relato breve que nos aproxima dos estudantes com uma linguagem coloquial dentro de uma situação possível e real. E a música *Clandestino*<sup>4</sup>, que se configura como uma linguagem universal entre os jovens com relação ao gênero e à temática, como é o caso do reggae e world.

Sobre a crônica Reguillo (2007, p.64) manifesta que: “La crónica no es un género inocente, una escritura “neutra” en tanto aspira a representar lo no representado y lo no representable en el concierto de los múltiples relatos para contar el mundo”. Nesse sentido, a crônica mostra realidades que fingimos não ver. São relatos do lado escuro e sujo da cidade, da periferia e da sociedade. Ao encontro dessa afirmação, o livro *Ciudadano N*, possui dois prefácios, um escrito pelo cronista mexicano Carlos Monsivais e o outro escrito pela crítica literária inglesa Jean Franco que diz:

---

<sup>3</sup> Pelo menos 46 corpos são encontrados em um caminhão no Texas:

<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/pelo-menos-46-corpos-sao-encontrados-em-caminhao-abandonado-no-texas,8ee35b8aa058dda09b5adac7670819ed59hfzbbu.html>

<sup>4</sup> link da música *Clandestino*: <https://www.youtube.com/watch?v=TyA-oz7lSrc>

Rossana Reguillo Cruz esquiva toda generalización para entrar en las conciencias de los Joaquines y Fernandos, de las Angelas y Dolores. Escritas en tercera persona, cada crónica resume una vida y una táctica de supervivencia. Aquí desfilan niños y niñas que viven en la calle, jóvenes sometidos a la represión de la policía, señoritas aburridas y aficionadas a la poesía, los que son rechazados y los que erran por las calles. (REGUILLO, 2003, p. 1)

Não pretendo detalhar a proposta didática como se fosse um plano de aula, mas a explicarei em termos gerais.

Pensando em um contexto de sala de aula, com a presença de alunos imigrantes e nativos, começaremos expondo um mapa da América do Sul, destacando a posição do Brasil nesse mapa. Pediremos que identifiquem todos os países que têm fronteira com o Brasil. A seguir, os alunos falarão sobre a língua falada nesses países fronteiriços, como uma forma de recapitular sobre as civilizações (incas, maias, astecas) que habitavam o continente antes da colonização espanhola, trazendo, assim, uma reflexão de onde viemos, quem somos, tentando perceber que todos temos em nossa configuração cultural e etnico-racial traços de imigração. Aqui faremos uma conexão paralela com a colonização portuguesa, salientando as línguas que se falavam naquele momento no Brasil. A ideia é que eles deduzam a própria configuração etnico-racial. O objetivo desse exercício é refletir sobre nossa própria identidade cultural. Sobre essa questão, Candau (2013) afirma que, em função da visão homogeneizadora e estereotipada de nós mesmos, que vemos nossa identidade cultural como algo natural e não como uma construção, é necessário propiciar momentos/espacos que nos ajudem a criar consciência sobre nossa própria identidade, pois há um desconhecimento dos processos de formação e do cruzamento de culturas presentes nesse processo.

A continuação, os alunos, brasileiros e venezuelanos, poderão falar sobre suas raízes (provavelmente indígenas, africanas e/ou europeias). Logo, junto com a professora localizarão a Venezuela no mapa e na sequência, haverá um pequeno debate sobre o conceito de imigração. A proposta terá sequência com a leitura da crônica *Con el viento en las venas*, que aborda a problemática da imigração, aproveitando, assim, a presença dos alunos imigrantes venezuelanos na escola. Posteriormente, apresentaremos aos estudantes a notícia da morte de cerca de 46 imigrantes no Texas e iniciaremos uma segunda roda de conversa sobre os motivos que fazem algumas pessoas saírem de seus países de origem e seguirem ilegalmente para outro país, correndo riscos de toda ordem. É uma forma de conscientizar os jovens sobre a complexidade dos movimentos migratórios. Reguillo interroga as consciencias:

Cómo narrar, por ejemplo, la muerte que se disfraza de retórica oficial para justificar la muerte de tantos y tantos jóvenes en el continente [...] Cómo contar la historia de los sueños empacados en bolsitas de plástico que estallan las vísceras de “las mulas” o “traquetos” que convierten su cuerpo en depósitos de cocaína porque hay pocas opciones y cómo entonces, resistirse a los



dólares blancos. Cómo mantener las fronteras del relato, para contar el frío, el miedo, la temblorina de un “ilegal” pegado a la “línea” y rezándole a la “Sanjuanita” para que la “migra” no lo descubra. (REGUILLO, 2000, p. 60)

Como forma de continuar com a temática e as reflexões, será apresentado aos alunos, a música *Clandestino*, de Manu Chao, que aborda a temática de imigração e ao final da aula, a professora pode pedir para os alunos brasileiros pesquisarem sobre experiências migratórias em suas famílias como maneira de socializar relatos.

#### **4 Considerações finais**

Este trabalho possibilitou uma profunda reflexão sobre como podemos abordar o ensino de língua espanhola sob uma perspectiva intercultural crítica, quer dizer promovendo um diálogo entre os diferentes grupos socioculturais, encarando os conflitos, característicos de grupos que interagem, como uma possibilidade de negociação, promovendo empatia, e oportunizando a construção de um diálogo que torne a sociedade mais democrática, diversa e verdadeiramente plural. Mostrou também que a utilização de crônicas, cuja temática se identifique com o movimento e o fluxo dos excluídos da sociedade, do espaço da periferia, poderia estimular não apenas o conhecimento de uma língua e uma cultura, mas também promoveria uma visão mais humana dos processos migratórios, consequentemente uma aproximação mais empática entre grupos que convivem dentro da escola (alunos, professores, alunos imigrantes).

Vejo o ensino da língua espanhola dentro de uma sala de aula, promovendo a integração e inclusão de estudantes imigrantes com brasileiros, sem estigmatizar as culturas e línguas estrangeiras ali presentes. No contexto das escolas públicas de Chapecó, SC e Nonoai, RS, que estão recebendo cada vez mais alunos imigrantes vindos da Venezuela, professores precisam ser capacitados para acolher esses estudantes. Professores, principalmente da rede pública de ensino, precisam ter espaços de formação profissional que lhes permita refletir sobre uma abordagem intercultural, independente da área de conhecimento. De acordo com Os Parâmetros Curriculares Nacionais:

[...] a escola deve ser local da aprendizagem de que as regras do espaço público democrático garantem a igualdade, do ponto de vista da cidadania, e ao mesmo tempo a diversidade, como direito. [...] Esse aprendizado exige, sobretudo, a vivência desses princípios democráticos no interior de cada escola, no trabalho cotidiano de buscar a superação de todo e qualquer tipo de discriminação e exclusão social, valorizando cada indivíduo e todos os grupos que compõem a sociedade brasileira. (PARÂMETROS CURRICULARES, 1998, p.69).



Concluindo, esta pesquisa disparou um alerta sobre a necessidade de trabalhar o conceito de interculturalidade crítica ao longo da graduação e não apenas no final. Compreender o ensino desde essa perspectiva pode mudar a nossa prática como futuros professores, mas também a escola e as relações dentro da escola, conseqüentemente é possível que vejamos uma mudança que nasça na escola e se estenda ao resto da sociedade. Não importa com que velocidade essas mudanças aconteçam, mas o importante é que aconteçam. Tenho plena consciência de que tenho muito para aprender e essa pesquisa despertou meu interesse em conhecer mais sobre o assunto e abriu meus olhos para a importância de estudar sobre essa questão.

## **Anexos**

### **Anexo 1**

#### **Crónica “Con el viento en las venas” - Rossana Reguillo**

Un ligero temblor le sacude el cuerpo, un sudorcito frío le moja los bigotes y las manos, ya mero, ya mero. Abre una y otra vez la carpeta para mirar de nuevo sus papeles. Se vistió lo mejor que pudo, pero a estas horas ya anda todo arrugado y a lo mejor lo miran feo. Es la cuarta vez que trata de sacar la visa, pero es la sexta que decide irse pa'l otro lado, ya se cansó de que la migra lo apañe y lo trate como perro, peor que perro, así que ahora quiere su visa, pa'cruzar como Dios manda y luego buscar la manera de quedarse allá; aquí de plano la cosa está rete fea, no hay jale y además, la última vez, en Sacramento dejó una morrita, una chicanita que habla un español bien bonito, suavcito.

Javier tiene 22 años y desde los 15 va y viene, del otro lado está su jefe, acá vive su jefa con sus hermanos más chicos, pero él piensa que no cabe en su país, en su ciudad, no hay sitio para los jodidos, ni aquí ni allá, pero allá pagan en dólares. La fila avanza lentamente, por las caras de los que salen Javier sabe a quién le dieron visa y a quién le dieron pa'trás. Está nervioso, los de la ventanilla son muy gachos, lo tratan a uno como delincuente, sino fuera por la necesidad, suspira...

El abuelo de Javier llegó a Guadalajara con todos sus sueños empacados desde Autlán y con una jacaranda así de chiquita que fue creciendo en el terrenito que se consiguió allá por Balcones, su abuelo se pone triste porque su árbol echó raíces pero sus hijos no, todos se fueron poquito a poco y como no queriendo, de nada le valió al abuelo enterrar bajo el árbol el cordón que ataba a cada uno de sus hijos a su madre, para asegurar que los niños echaran raíces. Javier cuando era niño se quedaba mirando el árbol, buscando alguna señal, su abuelo le contaba de esa vieja tradición que él aprendió de su madre campesina y ella a su vez de su madre y así hasta el principio, pero el ombligo de Javier no lo enterraron porque él ya nació en un hospital y a veces se pregunta a dónde fue a parar su ligadura con la tierra, su abuelo le dice que por eso es tan desapegado y le baila el viento por las venas y nunca se está quieto, pero Javier cree que esas cosas no funcionan en la ciudad.

Le devuelven su carpeta casi sin mirarla, no le dieron la visa. Besa su escapulario, pues ni modo, otra vez a la brava, a burlar a la migra, a buscar una nueva tierra donde plantar un árbol y esperar a que crezca pa'arriba y pa'bajo, a ver si así él logra quedarse en algún lado. En

el camión, de regreso a su casa, en el radio dicen que con el7/& disminuirá el flujo de migración... Javier sonrío.

## **Anexo 2**

### **Clandestino (Manu Chao)**

Solo voy con mi pena  
Sola va mi condena  
Correr es mi destino  
Para burlar la ley  
Perdido en el corazón  
De la grande Babylon  
Me dicen "el clandestino"  
Por no llevar papel  
Pa una ciudad del norte  
Yo me fui a trabajar  
Mi vida la dejé  
Entre Ceuta y Gibraltar  
Soy una raya en el mar  
Fantasma en la ciudad  
Mi vida va prohibida  
Dice la autoridad  
Solo voy con mi pena  
Sola va mi condena  
Correr es mi destino  
Por no llevar papel  
Perdido en el corazón  
De la grande Babylon  
Me dicen "el clandestino"  
Yo soy el quiebra ley  
Mano negra clandestina

Peruano, clandestino

Africano, clandestino

Marihuana ilegal

Solo voy con mi pena

Sola va mi condena

Correr es mi destino

Para burlar la ley

Perdido en el corazón

De la grande Babylon

Me dicen "el clandestino"

Por no llevar papel

Argelino, clandestino

Nigeriano, clandestino

Boliviano, clandestino

Mano negra ilegal

## Referências

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais:terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília, 1998.

BRASIL, artigo 5º de 24 DE MAIO DE 2017 que institui a Lei de Migração. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm). Acesso em: agosto de 2022.

CANDAU, Vera (Org.). **Didática crítica intercultural: aproximações**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2012.

CANDAU, Vera; RUSSO, Kelly. **Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa**. Rev. Diálogo Educ. Curitiba, n.29, pág. 151-169. Janeiro/abril, 2010.

CANDAU, Vera. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Rev. Brasileira de educação. n.37, janeiro/abril, 2008.

GARCÍA, Macarena. ARROYO, Guido. **No tengo amigos, tengo amores: Extractos de entrevistas a Pedro Lemebel**. Santiago de Chile: Ediciones Alquimia, 2018.

HERNANDEZ MENDEZ, Edith. VALDÉS HERNÁNDEZ, Sandra. **El papel del profesor en el desarrollo de la competencia intercultural. Algunas propuestas didácticas**. Decires, Revista del Centro de Enseñanza para Extranjeros. México, v. 12, p.91-115, 2010.

Hissami Mbarki, A. (2011). **El concepto de mediación como puente de entendimiento a través de la comunicación lingüística con los inmigrantes marroquíes residentes en España**. En F. J. García Castaño y N. Kressova. (Coords.). Actas del I Congreso Internacional sobre Migraciones en Andalucía (pp. 1037-1045). Granada: Instituto de Migraciones.

LEMEBEL, Pedro. **Poco hombre: Crónicas escogidas**. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013.

McLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. (Tradução Bebel Orofino Schaefer). São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

MOREIRA, Flávio. CANDAU, Vera (Orgs.). **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2013.

MORENO MORENO, Rosa María. ATIENZA CERESO, Encarna. **Abordar la Interculturalidad en el aula desde el desarrollo o de la competencia Intercultural del profesorado**. MarcoELE: Revista de Didáctica Español Lengua Extranjera. v. 22, 2016

PARAQUETT, Márcia. **Lingüística Aplicada, inclusión social y aprendizaje de español en contexto latinoamericano**. Revista Nebrija de Lingüística Aplicada. [s. l], v. 6, p. 1-23, 2009.

REGUILLO, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles: Estrategias del desencanto**. Bogotá, Colombia: Ed. Norma, 2007.

\_\_\_\_\_. **Ciudadano N. Crónicas de la diversidad**. Guadalajara, México:ITESO, 2003.

\_\_\_\_\_. **Textos fronterizos: La crônica, una escritura a la intempérie**. Guaraguao Revista de la Cultura Latinoamericana. Ano 4, nº11, 2000.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas**. Visão Global. Joaçaba, v.15, dezembro, 2012.

**Resumen:** Este trabajo surge al constatar la presencia de alumnos inmigrantes venezolanos en algunas escuelas públicas de Chapecó, SC y Nonoai, RS, ciudad donde vivo y trabajo. Así con el intuito de promover, aprovechando la presencia de los estudiantes hispanófonos, una abordaje intercultural y multiculturalista de la enseñanza de lengua española en estas escuelas. Fue en contacto con las instituciones de las dos ciudades que percibí problemas de inclusión de estos alumnos inmigrantes en el sistema público de enseñanza, por cuestiones de órdenes lingüísticas y culturales y porque las escuelas no cuentan con profesionales capaces para ejercer una función de traductores y mediadores. Dentro de ese contexto, surge la intención de pesquisar una manera de promover la inclusión de estos estudiantes, a través de un abordaje intercultural utilizando crónicas en lengua española, con temáticas que tengan relación con la vida y los problemas de los adolescentes, en la intención de aproximar las dos culturas para reflexionar y valorizar la diversidad, estimular el respeto a las diferencias. El objetivo es promover un abordaje que permita reflexionar sobre el Otro, la cultura extranjera y la diversidad lingüística y cultural, en un ambiente en que el alumno inmigrante no sea visto como alguien invisible en las clases, sino, como alguien que puede contribuir con su cultura. Ese abordaje intercultural, irá minimizar prejuicios y deconstruir estereotipos relacionados a la cultura del inmigrante. El trabajo será desarrollado a través de la lectura de crónicas del libro Ciudadano N: crónicas de la diversidad pre problematiza cuestiones sociales, raciales y de género escrito por la antropóloga mexicana Rossana Reguillo y con las crónicas del escritor chileno Pedro Lemebel. El referencial teórico tiene foco en los trabajos de las investigadoras Vera Maria Candau, Catherine Walsh, Marcia Paraquett, entre otros, cuyo foco es la educación, la interculturalidad, los derechos humanos y la inclusión social. Siendo así, pretendemos pesquisar una forma de utilizar las crónicas en la enseñanza del español bajo esta perspectiva.

**PALABRAS-CLAVE:** escuela; lengua española; inmigrantes venezolanos; interculturalidad.